

A GORDA NO REINO DAS POSSIBILIDADES: UMA LEITURA

BERNARDETE CARLON*

Há no romance de Miro Moraes uma singularidade que contraria o modelo estabelecido da narrativa tradicional. O texto é articulado em capítulos-conto numa estrutura fragmentada. Há um conjunto de acontecimentos ligados entre si e outros que poderiam, quando isolados, constituir por si pequenas histórias. A unidade só se mantém pela presença do narrador-personagem, pelo espaço e pelo encadeamento dos fatos que a ele se referem, o que imprime à narrativa um item fundamental na relação narrador/leitor, o da verossimilhança.

A forma de encaminhar os fatos e a razão que levou o autor a interligá-los e ordená-los, como se apresentam no romance, causam estranheza ao leitor e uma certa dificuldade de leitura. A continuidade dos fatos não tem base na lógica de causalidade temporal. A seqüência linear é substituída por um modo peculiar de encadear as ações. O leitor, perdido a princípio "no sussurro desse rio subterrâneo", conforme o autor denomina a própria obra no prólogo, aos poucos vai atando as pontas e atribuindo sentido a cada capítulo-conto dentro do todo. A leitura chega a ser quase um ato de decifração, levando o leitor a coparticipar ativamente da própria criação artística. Daí o seu valor, pois o tex-

*Mestranda de Letras da UFSC.

to não se oferece à simples contemplação. O leitor assume um compromisso em relação à obra, porque se torna também um produtor de significados.

O título, por si só, é um enigma a ser decifrado e já antecipa a idéia de uma narrativa bastante complexa e malediça. Tal como num jogo de xadrez, o narrador-personagem move suas peças estudando as várias possibilidades e esperando ver coroado de êxito cada lance. O primeiro movimento é em direção ao isolamento, numa fuga desesperada do mundo mecanizado onde reinava "a certeza de que todos os dias futuros seriam exatamente a continuidade de tudo aquilo" (p.3), em busca do reconhecimento da individualidade, pois "o sol nascia e se punha e ele continuava como um pequeno inseto dentro do bando" (p.4). E como se morresse para aquela vida, renasce para outra e se transporta para Sambaqui, um lugar que "é apenas mar, uma pequena praia, morros e pedras" (p.5). Os primeiros instantes do renascimento transcorrem num despojar de tudo o que havia constituído a sua vida até então, num alheamento que o purifica da "morte" e o prepara para a nova vida. Isto significa emergir de "um reino ideal fraudulento" (p.74) para penetrar nos "impérios fundados na pureza, na liberdade e no amor" (p.90).

E, na tentativa de "aprender a existir, longe das profecias, dos catálogos e das coisas insepultas" (p.8), no convívio com os pescadores, "aprendeu a serenidade e os caminhos do retorno, onde foi encontrar as revelações que as coisas exibiram desde o primeiro momento da luz" (p.8). É a volta às origens, ao natural, ao primitivo. A Pasárgada de Manuel Bandeira. É a utopia de Lima Barreto que deseja o passado feliz. É a esperança de Gabeira que procura ser hóspede de uma felicidade impossível. É a identificação do homem com a natureza, a possibilidade maior de sobrevivência, que o narrador-personagem encontra na sua busca incansável de um sentido para a vida humana: "Misturava-me às sementes e crescia com elas, ungido pela mesma humildade com que o solo faz surgir as plantas" (p.9).

As coisas simples começam a ser valorizadas, evidenciando a oposição dos dois mundos propostos pelo autor, o civilizado e o primitivo: "Uma canoa como esta também tem o seu valor, não tem? Claro que tem. Não precisa estrada. Não precisa nada. A

gente fica assim em cima do mar, indo para onde se quer. Não tem nem encruzilhada pra gente se perder" (p.13).

Sucessivamente as possibilidades vão se descotinando aos olhos do personagem-narrador "o homem", simplesmente, para o pescador Nozinho. Na volta ao primitivismo, busca o silêncio, "este silêncio que preexistiu a tudo e que a tudo sobreviverá, que foi o caminho percorrido pela perfeição para que as coisas se fizessem presentes e possíveis" (p.26), que permite o "abandono integral" da criatura e a ventura de experimentar "o sabor do sublime" (p.26). O silêncio conduz o homem a um encantamento sem limites e à sua comunhão com a natureza, "tornando mais íntima e generosa a vida e a paz" (p.25) e "começam a saltar as verdades, os caminhos vão se abrindo para o sonhado encontro" (p.26). O encontro do homem consigo mesmo, fugindo ao razoável coletivo e à intelectualidade que leva ao esforço mental, contrariando a própria natureza "que impõe ao nosso espírito ordem e paz" (p. 91).

Na opinião de Nozinho "todos os caminhos levam ao mesmo portão" (p.90) e esta sábia conclusão leva o narrador a questionar-se sobre os valores da razão: "Agora, me pergunto se vale a pena ter olhos tão claros à luz da razão e tão vastos abismos na alma? A cada verdade tateada, segue-se uma maior fome do espírito, porque ao alcançarmos intelectualmente algo, nossa alma por sua natureza infinita, sente desejos mais ilimitados. Todas as verdades universais possuídas pela razão não são senão alimento mesquinho para o nosso espírito. Por isso, tantas vezes, sentindo fome insaciada, perguntei em desespero, por que foi dado ao pássaro abandonar seu ninho para viver nas alturas e só ao homem a consciência trágica do impossível? (p.90-1). A possibilidade de buscar nas idéias, no raciocínio lógico, o rumo certo a seguir, fica assim descartada.

O isolamento, o silêncio, a contemplação da natureza, a volta para dentro de si levam consequentemente o narrador-personagem à solidão, ilustrada no romance pela história de Padre Donato, cuja "solidão que interrompe todos os atos da natureza, que atrofia todo o alento da criação, foi aos poucos consumindo todas as suas forças" (p.69). Até certo ponto, há uma identidade entre eles, mas o desenlace trágico da vida do religioso co-

locou em dúvida as vantagens de uma vida isolada, pois "a solidão acabou por consumir sua substância humana. Morreu como um animal, sem jamais ter compreendido coisa alguma de si, ou do mundo..." (p.79). Essas reflexões levam Zacarias, conforme o chama uma mulher no seu retorno ao mundo civilizado, a voltar à cidade para sanar as dúvidas sobre as consequências de uma vida isolada e a concluir que Padre Donato não soubera absorver a grandeza da solidão. Para o narrador, só quando retornou ao seu isolamento, "a vida voltou a alargar os seus limites" naquele recanto à beira-mar onde "o silêncio revela a exata grandeza de tudo o que acontece" (p.80).

Assim, de possibilidade em possibilidade, o jogador vai movendo as peças no grande tabuleiro do mundo até o xeque-mate, quando a coroa se vê ameaçada pelos adversários, compreendendo por fim que "não há qualquer conceito convencional de limites, tudo é uma só substância" (p.107). "Por algum tempo todos os mistérios se anulam. Nada é obscuro ao entendimento. O ritmo infalível continua..." (p.108).

Nenhuma das possibilidades é realmente "coroada" de êxito. A "coroa" é a (im)possibilidade do possível. A possibilidade do (im)possível como um enigma, uma charada ou um labirinto. No último capítulo-conto que leva o título do livro, "A Coroa no Reino das Possibilidades", o narrador-personagem assim declara: "E no meio a tudo isso terei de continuar emergindo a cada instante em direção à vida. Vagas promessas de permutas e certeza de abandonos. No limiar de cada hostilidade, a nova ânsia de outra possibilidade. Seria preciso olhar cada dia como se olha o mar e esperar que do segredo das suas águas colha-se o grande peixe sonhado" (p.119).

Termina o livro e o leitor toma a coroa em suas mãos e vai à procura do reino das possibilidades. Não mais no espaço romanesco construído com precisão pelo narrador, mas no espaço impossível de um mundo real. A busca se torna infinita. Mas permanente. A leitura do livro de Miro Moraes é a possibilidade do reconhecimento deste espaço. Daí a nossa proposta: a de uma leitura no reino das possibilidades.